



NA PRAIA DE DIEPPE: A' hora do banho — (Cliché do distinto amador fotografico sr. Paulo Osorio)

11 Série—N.º 395

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Lisboa, 15 de Setembro de 1913

DIRETOR E PROPRIETARIO J. J. DA SILVA GRAÇA
 Editor: JOSÉ JOUBERT CHAVES

EDIÇÃO SEMANAL DO JORNAL-O SECULO

Assinatura para Portugal, colonias portuguezas e Hespanha:

Redação, administração, offic. de composição e impressão
 RUA DO SECULO, 43



Numero avulso.... 10 cent. Ano..... 4880 cent.
 Trimestre. 1820 cent. Semestre..... 2540

CASA BANCARIA

ARMAZEM DE FERRAGENS

Moreira, Gomes & C.^a 7 - RUA 15 DE NOVEMBRO - 7

COMPRAM E VENDEM MOEDAS DE TODOS OS PAIZES



Sacam sobre todas as praças do mundo ao melhor cambio

Na Italia fazem pagamentos aos domicilios

Cortez, Coelho & C.^a

CASA BANCARIA

44, Rua 15 de Novembro

Caixa postal 50 - PARÁ Endereço teleg. MIRAN - BRAZIL

Emitem saques sobre as principaes Praças da Europa, America do Norte e Brazil. Fazem cobranças de conta de terceiros. Compram e vendem Cambiaes, Coupons, Papeis de Credito etc.

Encarregam-se da administração de bens moveis e imoveis, por meio de procurações de ausentes, mediante modica comissão.

Compram e vendem moedas e papel-moeda de todos os paizes. Effectuam todas as transacções bancarias.

Companhia do Papel do Prado

SOCIEDADE ANONYMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Sobreirinho (Chomar), Penedo e Casal d'Hermio (Louzã), Valle Maior (Albergaria-a-Velha). Installadas para produção annual de seis milhões de kilos de papel e dispondo dos machinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa promptamente encomendas para fabricações especias de qualquer qualidade de papel de machina continua ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes. *Escriptorios e depositos:*

LISBOA—270, Rua da Princeza, 276 PORTO—49, Rua de Passos Manoel, 51

Endereço telegraphico em Lisboa e Porto: **Companhia Prado.** Numero telephonic: **Lisboa, 605—Porto, 117**

CAPITAL

Acções.....	360.000\$000
Obrigações.....	323.910\$000
Fundos de reserva e de amortisação.....	266.400\$000
Réis.....	950.310\$000

Sede em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Marianaia e

Sederia
Schweizer

de porte a domicilio.
Ultimas novidades em sedas para Vestidos e blusas bem como em velludos e peluches. Peçam as nossas amostras franco.

Schwaizer e Ca., Lucerne E 11
(Suisssa)

Perfumaria Balsemão

RUA DOS RETROZEIROS, 141 Telephone 2777 LISBOA

Cold-Crème Albert Simon

Com sello VITERI. O mais perfeito artigo de toilette, branqueia, perfuma e amacia a pelle. Tira os cravos, pontos negros, borbulhas, cieiro, panno, vermelhidão, etc.

Pote 800 réis. Meio Pote 600 réis. Para fóra acrescem os portes.

PEDIDOS AO DEPOSITO: VICENTE RIBEIRO & C.^a — 84, Rua dos Fanqueiros, 1.º — LISBOA



ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

CRONICA

N.º 395

15-9-1913

Colares de pérolas:

Uma dançarina hespanhola, Lola Byron, coração vasto e sonoro como um pandeiro, anca nervosa, modelada nas *jotas* aragonezas, queixou-se á policia de Nápoles de que tinha perdido, durante um passeio de carruagem, um colar de pérolas, no valor de vinte mil francos. E acrescentou—o que foi divulgado em telegramas para toda a parte do mundo—que o colar lhe fôra dado, como *gage d'amour*, pelo rei de Hespanha. A estas horas, Afonso XIII encontra-se decerto em graves embara-



ços para demonstrar, perante as exigencias da fidelidade conjugal, que a história das pérolas é anterior ao seu casamento. Já o tinha notado esse bom *vieux marcheur* que foi o rei Leopoldo da Belgica: os reis são para as bailarinas, além d'uma exceciente operação bancaria, um admiravel elemento de cariz. Lola Byron pôde não encontrar o colar de pérolas; mas encontra, com certeza, uma boa escriptura.

As Feiras saloias:

Começaram, com a feira de Nossa Senhora da Luz, as feiras saloias de setembro. Grandes marchas de gado loiro, ao sol dos terreiros; baides de ciganas, sentadas em machos, com os saizos vermelhos pela cabeça e os filhos ás costas; marchantes do Ribatejo, a cavallo, luzido as estribelheiras de latão, sanguineos e entroncados com sobroeiros fortes, ou tortos e pequenos como zambujos anões; boismansos de cangas pintadas como espadardes de cama alemtejana; montes de melancias, verdes e brancas, abrindo ao sol a polpa ro-



sada; vinho a espumar; violas zangarreando; moscões negros mordendo o gado; lufadas de poeira ardente levantadas do vento; sol que queima; alegria que canta,—e ao fundo, no muro do derrete, sentadas em linha, os lenços de ramagens caídos nos hombros, as orlhãs picadas d'oiro, no ar os focinhos triqueiros e curricos, vinte, trinta, quarenta saioias sazoadas para casar, esperando pela felicidade que ha de vir escolhel-as, na pessoa d'um saioio bronco, espadado, verme-lho, de jaleca de briche e varapau ferrado...

Camões e Porto-Riche:

George de Porto-Riche, o autor incomparavel da *Amoureuse*, do *Passé*, do *Vieil Homme*, que se honra de ter ascendentes portuguezes, acaba de recolher, na penumbra doirada da

Biblioteca Mazarine, o busto-aborto de Camões. Foi um belo e nobre gesto que todos nós devemos agradecer a esse supremo artista da comedia moderna, pelo que representa de delicadeza e de aguda penetração. Tem razão Porto-Riche. E' n'uma Biblioteca que o deplorable busto de Camões tem o seu lugar,—como documento. Não ha duvida de que ele é o documento autentico da maior das afrontas que se tem feito, em marmore, á memoria de um poeta.



Um corneteiro de infantaria 5, na volta da escola de repetição, suicidou-se. Dizem os jornaes que o fez fatigado e descontente da vida militar. Não deve ser verdade. Por mais bronco, por mais inculto que seja um soldado, não é natural que ele traga d'esses passeios militares, esuantes de vigor, de saude, de sol, de movimento, escolas de força, de energia, de inteligencia, de bravura, o germen sequer de uma idéa de negação e de eliminação. Vi-os passar, no regresso: contentes, vermelhos, ardidos, doirados do sol, trasbordantes d'essa alegria do dever cumprido, que é a mais bela de todas as afirmações de vida. O pobre corneteiro tinha, dentro de si proprio, a fatalidade do seu destino. Havia de suicidar-se,—mesmo que nunca tivesse posto os pés no chão de uma caserna.

JULIO DANTAS.

Ilustrações de Hipolito Collomb.



JUSTIÇA

Havia quasi dois anos que tinham casado em uma terreola da

provincia, bem apadrinhados, ricos da felicidade que nasce da realisação dos sonhos longo tempo sonhados. Ela chamava-se Rosalia—e, atrada para a vida atravez de um asilo de expostos, fôra desde creancinha explorada pelo egoismo d'aqueles que se diziam seus protetores, como um sêra quem constantemente exigissem o preço do seu logar no murdo. Crescera, embelezára-se, sem que os seus pobres olhos de escrava ousassem procurar no olhar dos homens o encanto da sua

juventude radiosa; e só muito tarde, quando o Baltazar principiou a requestar-a, foi que no seu coração alvoreceu a emoção que a fez mulher.

Ele era tambem um filho do acaso. Aos doze anos, apontado como principal heroe de um sangrento conflito entre rapazes da sua idade, tinhamo internado em uma casa de correção, de orde só regressára depois de atingida a maioridade, com fama de operário inteligente e trabalhador. Alto, forte, alourado, a sua mocidade tinha o esplendor apolineo de um joven atleta do norte. Na officina onde exercia o seu mister de torneiro de metaes, os companheiros estimavam-no. Nas horas fugazes do descanso, não era raro agruparem-se em torno d'ele, ouvindo-o lêr os jornaes populares ou disrecrear, com ousadias revolucionarias, sobre a função social dos modernos produtores do trabalho.

A noticia do casamento causou surpresa; embora a gentileza da noiva fosse admirada, todos cr'am o Baltazar fadado para mais altos destinos. Entretanto elle, dentro do seu papel de apostolo, não cessava de esclarecer que o seu ato, além de ser um impulso do coração, era tambem um exemplo e um protesto. Rosalia, a linda engeitada, tinha para elle (dizia) um atractivo superior ás suas graças de mulher: era uma vitima da injustiça social!

A felicidade intima dos primeiros mezes de noivado não conseguiu congraçar com a Sociedade esse romanesco ideologo. O desejo de transferirse para Lisboa pungia-o constantemente, sobretudo quando atravez da reportagem de comicios ou festas associativas da capital, via largamente aberto, a tental-o, o campo de acção que ambicionava.

—Se eu lá estivesse!—exclamava elle, ás vezes, excitado pelo noticiario dos jornaes. E, perante a mulher boquiaberta, expunha declamatoriamente o que dizia, o que fazia, repetindo com sensíveis desvios de imaginação o que dia a dia assimilava em perturbadoras brochuras de propaganda.

Algum tempo depois, no cabo de laboriosas negociações, conseguiu finalmente obter collocação em uma fabrica dos arredores de Lisboa. Rosalia, um pouco amedrontada por aquella subita mu-

dança, acompanhou-o. Tinham decorrido dez mezes sobre o seu casamento, mas continuavam a amar-se como se o sabor do primeiro beijo perfumasse ainda os seus labios. Um filho devia nascer em breve. Baltazar esperava-o com alegria e com orgulho, como se essa creança fosse aguardada pelo destino de um heroe.

—Hei de fazer d'ele um homem a valer!—clamava fanaticado. E como a mulher sorria, sem compreender as exaltações com que elle complaciva sempre a sua vida simples, acrescentava, convicto:—Tu verás! Tu verás!

Quando nasceu a creança, como Rosalia teimasse em a fazer baptisar, tiveram a primeira desavença. A intolerancia doutrinaria, doença vulgar de espiritos deslumbrados pelo A B C da cultura mental, fazia parte do programa social d'esse propagandista de officina. Transigiu, por fim; mas, em sinal de protesto, conservou-se alheio á cerimonia religiosa.

Após os primeiros mezes da sua residencia em Lisboa, o Baltazar tinha-se tornado menos communicativo, quasi sombrio; tratava a mulher com altivez de senhor, verberando sem piedade a sua ignorancia e renegando, como um sentimento dissolvente, o amor com que ella procurava sempre conserval-o cativo. Só o filho o comovia. Quando ao cair da tarde regressava do trabalho, o seu primeiro olhar era para o pequenino sér que a mulher ofrecia ás suas caricias. Ás vezes, em taes momentos, com a creança nos joelhos, tornava-se expansivo como outr'ora—e não raro esse ingenuo paladino do Comunismo se surpreendia a ambicionar para o filho, o conforto, o luxo e até a ociosidade da vida burgueza.

Cra um dia, justamente n'aquelle em que a creança completava oito mezes, o Baltazar appareceu em casa no meio da manhã, mais acabrunhado que de costume. A's alarmadas perguntas da mulher, respondeu apenas nas asperos monossilabos de evasiva; só mais tarde, quando a viu lavada em lagrimas, como o filho pendente do seio, foi que elle, momentaneamente enternecido, lhe confiou o seu segredo. Tinha sido despedido da fabrica.

—Despedido, não; expulso!—esclareceu, com um gesto violento.

Rosalia, petrificada, ficou um instante a olhal-o, como ao sobrevivente de um cataclismo. Um quebranto subito amoleceu todos os seus nervos: e a creança, já meio adormecida, quasi lhe tombou dos braços.

—Mas porquê? Porquê?—articulou por fim, a voz oppressa.

—Historias!—explicou elle.—O patrão quer escravos, não quer operar os consciences... Acusou-me de fazer propaganda de idéas revolucionarias entre o pessoal da fabrica. Eu respondi de um modo que lhe não agradou... Palavra puxa palavra: elle insultou-me, eu disse-lhe algumas verdades amargas... O remate era de esperar: fui expulso brutalmente, como um cão danado!

—Que desgraça! Que desgraça!...—deplorou a Rosalia, soluçando.—E agora, que ha de ser de nós, se Deus nos não vale?!...

Ele teve um esgar feroz:

—Deus está aqui, são estes braços!—e agitava-os com uma exaltação denunciadora do obscuro terror religioso que a blasfemia lhe inspirava.—Emquarto eu tiver estes braços, nunca o trabalho me faltará!

Comtudo, longos dias decorreram sem que elle conseguisse empregar-se. A sua reputação de pro-

pagandista demolidor prejudicava-lhe todas as tentativas. A miséria assaltou-lhe o lar. Pensou em roubar, em matar-se. A mulher, um dia, angustiada pela fome, saiu à noite a mendigar pelas ruas da cidade, a ocultas da policia, com o filho nos braços... E foi assim, de incerta caridade das ruas, que eles viveram algum tempo.

Uma tarde, Baltazar, tendo saído em companhia d'um antigo camarada, regressou a casa com algumas moedas de prata, que sombriamente, sob o olhar surpreso da mulher, fez tilintar no tempo d'uma velha mesa.

— Onde arranjava esse dinheiro Baltazar? — perguntou ela, alanceada por uma atroz suspeita.

Em breves, cautelosas palavras, o operário falou em certo trabalho que lhe haviam proposto, encomenda secreta, para uma empreza de contrabandistas... Era serviço bem pago, porque o sagredo também tinha seu preço...

Pouco a pouco a antiga abastança voltou ao lar.

Rosalia, a principio reciosa, acabara por habituar-se á misteriosa vida do marido; todavia, quando ele retardava até alto noite o seu regresso a casa, como por vezes succedia, a imaginação da pobre rapariga logo se perdia em aziagas visões de drama policial...

Apesar de ter afastado do seu lar a catastrophe que ameaçava subvertê-lo, dia a dia Baltazar se mostrava mais violento e insaciavel. Da sua boca saiam constantemente imprecações, ameaças, confusões oburgatorias contra a sociedade, contra os ricos, contra todos aqueles cuja felicidade aparente elle invejava. Ultimamente, n'esse odio versânico, um nome supurava com frequência; era o do seu antigo patrão. Sabendo que o industrial o indicára á policia como principal responsável d'uma grave insubordinação do pessoal da fabrica, o seu rancor de operário expulso exacerbára-se.

— O canalha! — rugia elle. — Ha de pagar-m'as!

Quando o via assim exaltado, a Rosalia, no intuito de o socegar, buscava logo um pretexto para lhe passar aos braços o filho, porque atravez de todas as violencias da sua indole e de todas as perversões do seu idealismo, nunca na sua alma enfraquecera essa ternura que ao acariciar a criancinha lhe enchia os olhos de lagrimas.

Algum tempo depois, como elle assediado por crédores impertinentes, lamentasse a excessiva despeza das suas refeições diarias na afastada taberna que lh'as fornecia, a Rosalia offereceu-se para ir todos os dias, com o seu pobre jantar domestico, ao local onde elle trabalhava. O Baltazar a principio recusou; mas como ella, insistindo, prometeu levar o filho comsigo, acabou por ceder.

A nova officina tinha sido improvisada em uma casa de antiga construção, escondida entre os muros e as arvores d'uma quinta dos arrabaldes da cidade. Era uma vasta loja ladrilhada a tijolo, especie de adega fradesca iluminada apenas por uma larga abertura em arco, que se erguia, com formidaveis grades de ferro, desde o solo até quasi ás traves do tecto denegrido.

Foi ai que a Rosalia, com o cabaz do jantar em um dos braços e o filho no outro, procurou um dia o marido, vagamente assustada pelas precau-

ções que elle lhe aconselhára. O aspeto da casa, com as suas rixas de enxovia, os seus muros arruinados e já quasi sem calça, confrangeu-lhe o coração. Quando jantavam, á sombra d'umas arvores proximas, ella relanceando em volta de si o olhar desconfiado, murmurou:

— Isto faz medo! A casa parece uma prisão!

— Mas não é! — replicou elle com mau modo. E mais tarde, quando a Rosalia já se retirava, de teve-a com uma recomendação, em tom de ameaça: — E nem um pio, ouviste?... A ninguém!

O misterio, agravado diariamente por advertencias d'esta natureza, opprimia de negros presagios a existencia de Rosalia. Em casa, no seu pobre lar sem alegria, apertando o filho contra o seio, chorava ás vezes longamente, sentindo-se sufocada por um ambiente de catastrophe. — Que farias seu marido n'aquelle covil?...

Um dia afoitou-se, e dos seus labios saiu enfim a pergunta que havia algum tempo os queimava com um halito de febre. Elle respondeu apenas:

— Breve o saberás!

Junho findava, quando uma tarde Rosalia, vendo o marido atormentado pela sede, resolveu ir a uma taberna proxima renovar a provisão de vinho do jantar. Como o calor era intenso, o Baltazar aconselhou:

— Não leves o pequeno. Sentá-o ahi, em frente da janela, que eu vejo o que elle faz enquanto tuo trabalhando.

Elle estendeu no chão calcetado o seu avental de seriguiha, sentou em cima d'ele a criancinha semi-nua, e saiu ligeiramente.

Baltazar, dentro do casebre, atravez das grades da janela, procurava divertir o filho, que á imprevisã partida da Rosalia começava a chorar. Com tudo, enquanto assim se occupava da criancinha, não descurava o seu serviço.

Com uma pequena esfera de metal entre as mãos, polia e mirava de quando em quando, assobiando com satisfação, uma estreita chapa de aço que n'elas brilhava já.

Uma voz interrompeu-o afinal, de subito:

— Que é isso que tens nas mãos?

Era a Rosalia. Tendo regressado momentos antes, aproximára-se de la janela sem ser presentida. Elle esboçou instintivamente um gesto de ocultação; mas, serenando logo em seguida, respondeu com um sorriso máu, que agora lhe era familiar:

— Vem cá vêr, se queres.

Curiosa, a Rosalia, depois de ter socegado com uma caricia a criancinha que lhe estendia os bracinhos, entrou na officina lobrega. Os seus olhos, habituados á forte claridade exterior, nada mais distinguiram que o vulto do marido desenhado na mancha clara da janela. E, perto d'ele, repetiu a pergunta:

— Que é isso, então?

O Baltazar passou mais uma vez o trapo de camurça sobre a esfera misteriosa; depois, collocando a sob os olhos da mulher, á luz forte que entrava pela janela, disse-lhe:

— Vê!

Um estremecimento abalou o corpo de Rosalia. Na chapa de aço, que elle com tanto esmero lustrava, haviam gravado uma palavra que, no ambiente d'aquella caverna, lhe pareceu um grito de morte: — JUSTIÇA!

— Baltazar! Baltazar! — exclamou, angustiada. — Que estás tu a fazer?... Isto é...



Ele impoz-lhe silencio, com brutalidade; depois, acrememente, disse:

—E' isto:—Justiça!—e o seu dedo enegrecido apontava a palavra gravada na pequena chapa que brilhava.

—Tu desgracas-te, Baltazar! Tu desgracas-nos!

—...Não! E' a ele que eu hei de desgracar, o meu ant go patrão! Ele é feliz! Ele é rico!... Pois vae



saber quanto custa ser infeliz e pobre como nós!... Justiça! Justiça!

Na veemencia das suas palavras, no clarão dos seus olhos, havia a alegria d'um triunfo sáunico.

—Não faças isso, Baltazar! Pelo nosso filho t'o peço!

—O nosso filho!... Mas tu não sabes, simploria, que se ele tivesse mais alguns anos estaria aqui, a ajudar-me?...—E, aproximando-se mais da janela, perguntou com fanatismo:—Não é verdade, pe-tiz?...

—Vaes matar inocentes, talvez!... gemeu ainda a Rosalía.

—Cs felizes nunca são inocentes!—retorquiu ele, rudemente. E, para se libertar, concluiu:—Vamos jantar!

Pela janela, uma larga faixa de sol entrava obliquamente. Junto da grade, sobre a soleira iluminada por essa luz doirada, Baltazar depoz cautelosamente o instrumento de morte, como para avivar o brilho da pequena chapa de aço e da sua legi da cruel; mas como a mulher, nesse instante, retirando-se aturdida, toccasse com os pés em outras esteras idênticas que ali se acumulavam, ele voltou-se precipitadamente, gritando:

—Cuidado! Cuidado! Não toques n'isso!

Já caminhava para elle, alarmado, quando um ruído quasi imperceptivel lhe fez voltar a cabeça—e logo um grito saiu da sua boca:

—Oh!...

Retrocedendo, inquieta, Rosalía viu o marido de rastos, procurando alcançar através das grades da janela, um objeto que rolava na calçada exterior. Era a bomba. Colocada imprudentemente na soleira da porta-janela, desequilibrára-se e deslirára velozmente para fóra, como se um dest no misterioso a atraísse. O terror paral sou a pobre mulher. O terrível projétil, cuja marcha Baltazar não pudera deter, estava já ao alcance das mãos da creança...

—Oh! meu Deus! Oh, meu Deus!—soluçou a mãe. E, galvanizada de subito, correu para a porta.

Mas o marido precipitou-se, deteve-a:

—Não, não! Eu vou... E' preciso não assustar o pequeno... Espera...

A medo, de novo se acercaram da janela, espreitando. A creança, seduzida decerto pelo brilho de prata da chapa, tinha-se curvado para a frente—e, com os braços d'endidos, n'um obstinado esforço, procurava apoderar-se do pequeno globo de ferro.

—Misericórdia, meu Deus!—gritou Rosalía.

—Escuta...—segredou-lhe o marido, a voz oppressa.—Vê se entretens d'aquí o pequeno, de modo que ele me não veja sair... Eu dou uma volta, avanço por detraz d'ele e tiro-lhe a bomba de surpresa... Assim, evita-se o choque; não ha perigo...

Vendo a mulher já quasi desfalecida, impeliu-a rudemente para a janela, e saiu. A creança, toda absorvida pelo desejo de erguer a bola de ferro, não atentou na manobra do pae. Rosalía, em ancias, arrastou-se até junto das grades da janela, gemendo confusas palavras de carinho:

—Meu filhinho, meu pequenino!... Sou eu, tua mãe... Olha! Olha!

Para lhe atrair a atenção, fez tilintar na pedra da janela uma moeda de cobre; depois, angustiada pela inefficacia do estratagema, arremessou-lhe sucessivamente tudo que encontrou em si, o seu anel de noiva, um alinet matizado de pedras falsas, e até duas pequenas medalhas, que antes beijou supersticiosamente, com um murmur de apreço.

A creança, porém, embora manifestasse em bruscos gorgeios de riso o contentamento com que recebia aqueles mimos singulares, não desstia do seu intento; e de tentativa em tentativa, afogueada pelo esforço, conseguiu por fim erguer o projétil...

—Baltazar, acode!—gritou a mãe, alucinada.

Com a bomba nas mãos debéis, o pequeno, áquele grito, teve uma visagem de espanto, que o imobilizou um instante. Depois, vendo cravados em si, brilhantes de febre, os olhos da mãe, de novo se agitou, exultante—e, a rir, sensível já a esse primeiro triunfo da sua força, arremessou-lhe, como uma péla, essa bola que tanto pesava... O grito com que Rosalía pretendia deter ainda aquele gesto fatal, já se não ouviu. Um esampido formidavel encherá lugubrememente o espaço.

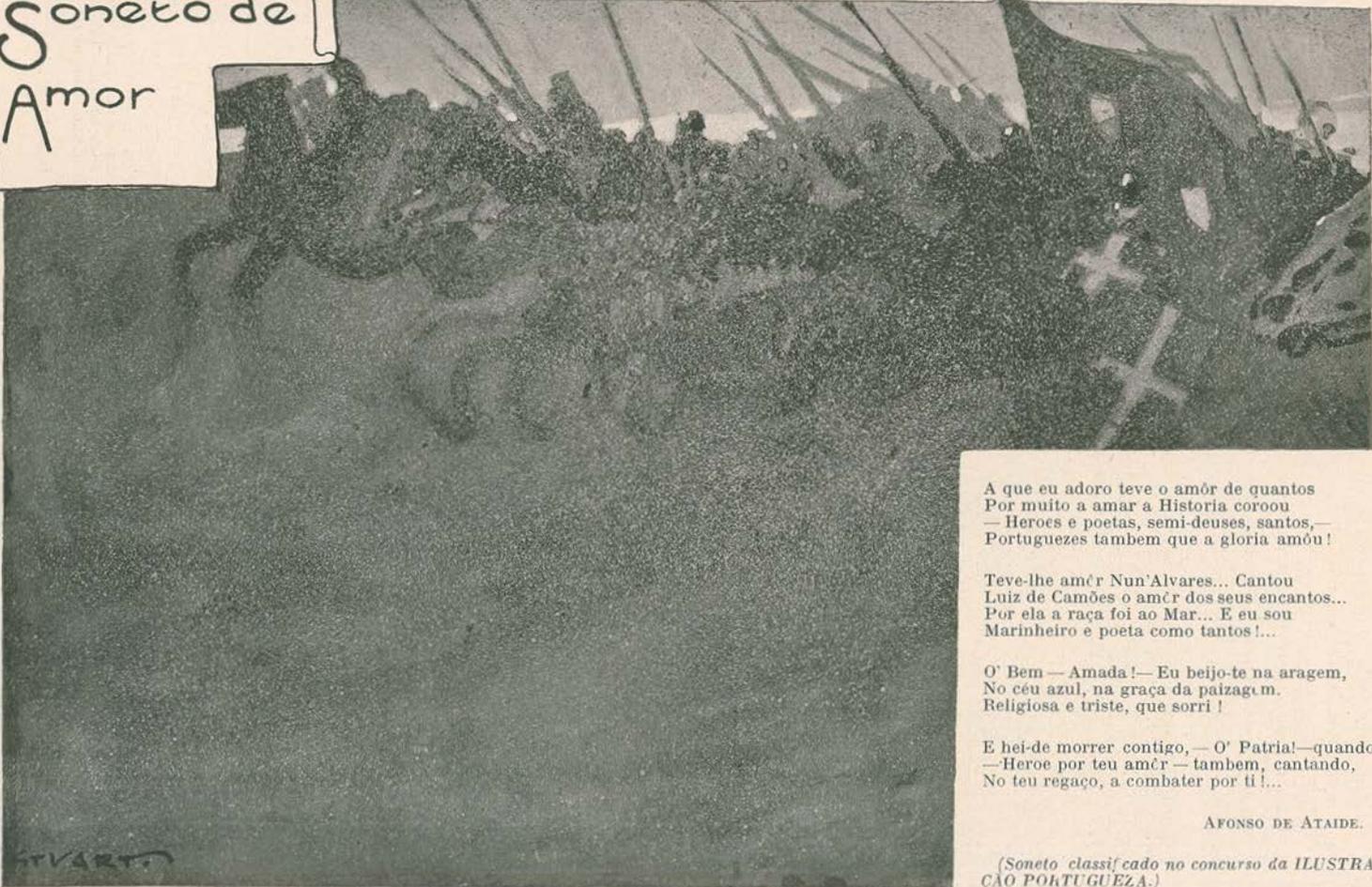
Instantes depois, desvanecida a fumarada, Baltazar, que fca

atingido por um estilhaço, arrastou-se a custo até o logar da catástrofe—e, mesmo antes de atentar na mulher, que jazia inanimada, talvez morta, junto á grade da janela, verificou, gelado pelo terror, que só miserros farapossangrentos restavam do corpo.

nho de seu filho. O assombro petrificou-o. E foi assim, ainda mal disposto para a dor que ia envenenar para sempre a sua vida miseravel, que viu em um fragmento de ferro cravado no peito dilacerado da creança, sobre o coração, luzir, raiada de sangue, a chapa de aço polido, onde se lia a palavra tragica—JUSTIÇA!

D. JOÃO DE CASTRO.





Soneto de
Amor

A que eu adoro teve o amôr de quantos
Por muito a amar a Historia corouo
— Heroes e poetas, semi-deuses, santos,—
Portuguezes tambem que a gloria amou!

Teve-lhe amôr Nun'Alvares... Cantou
Luiz de Camões o amôr dos seus encantos...
Por ela a raça foi ao Mar... E eu sou
Marinheiro e poeta como tantos!...

O' Bem — Amada! — Eu beijo-te na aragem,
No céu azul, na graça da paizagem.
Religiosa e triste, que sorri!

E hei-de morrer contigo, — O' Patria! — quando,
— Heroe por teu amôr — tambem, cantando,
No teu regaço, a combater por ti!...

AFONSO DE ATAIDE.

(Soneto classificado no concurso da ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA.)

Um presente de noivado para D. Manuel de Bragança

Foi objeto de larga reportagem e dos mais contraditórios comentários a expedição do presente nupcial que os monarchicos de Lisboa destinavam a D. Manuel de Bragança. Dizem que é uma verdadeira maravilha d'arte, tanto na composição como no lavor, saída da ourivesaria dos srs. Leitão & Irmão. A alfandega deteve-a, porque o expedidor não cumpriu as formalidades aduaneiras que regulam a saída de objetos artisticos para o estrangeiro.

travessões, alfinetes de peito, etc., servindo de remos dois talheres de prata. Contem tambem guardanapos feitos de um tecido de linho nacional tão fino que as argolas pódem ao mesmo tempo servir para aneis. Esta descrição sumaria despertou, como se calcula, uma grande curiosidade geral em saber ao certo em que consistia o presente, vendo-c, mas essa curiosidade é que a alfandega não satisfaz, declarando que a mala, em virtude de preceituações



1. A mala saída da casa das bagagens.—2. O sub-diretor da alfandega e o pessoal da casa das bagagens. 3. O tenente ^{sr} Paula com os guardas fiscaes aguardando a saída da mala.—4. A mala a caminho da casa forte.—(Clôchês de Benoliel)

E a mala que continha o presente conservou-se fechada durante dias na alfandega, porque o expedidor não compareceu, apesar de ser avisado, para a ir abrir e sujeitar o conteúdo ao necessario exame. Não se sabe ao certo o que ele seja, mas parece mais provavel que tenha a fôrma de uma caravela, que as suas peças ornamentaes podem ser desmontadas e applicadas a joias de uso pessoal, taes como, «pendentifs»,

iniludiveis, não podia ser aberta deante do publico. E não faltou gente postada na alfandega dias inteiros á espera de assistir á abertura da mala até que o diretor da alfandega fez aquella declaração perentoria, mandando recolher o envolverco com o misterioso objeto á casa forte da mesma alfandega, guardado pela guarda fiscal, dando-se-lhe destino depois de observadas as devidas formalidades.

ESCOLAS DE REPETIÇÃO EM CARRICHE, TURCIFAL E ALTER DO CHÃO



O primeiro bivaque da secção de engenharia nas escolas de repetição foi em Carriche tendo-se trocado comunicações telegraficas com as outras forças.

Por todo o paiz nas unidades de cavalaria, arti-



lharia e infantaria se tem feito os exercicios que vão contribuir de uma fôrma segura para que Portugal, dentro em dez annos possa apresentar em pé de guerra um exercito de 300.000 homens.



1. Trecho do acampamento d'engenharia em Carriche.—2. A 1.^a secção d'engenharia levantando o rancho no Turcifal.

(Cliche do sargento do grupo sr. Esteves)

3. Um tropo do regimento de cavalaria 3 atravessando Alter do Chão a caminho da Coudelaria Militar.

(Cliche do distinto fotografô amador sr. A. Brazão)

FIGURAS E FACTOS



O concerto da Canção Portuguesa em S. João do Estoril: 1, sr.^a D. Maria Ferraz Bravo; 2, sr.^a D. Sara Marques de Souza, discipulas do maestro Sarti; 3, sr.^a D. Juvenalia Ferraz Bravo, compositora da insuavada e nova canção popular *Desenganos*.
 O sarras da Canção Portuguesa realizado no salão dos banhos de Poça no Estoril promovido pelo maestro Alberto Sarti e em que tomaram parte distintas amadoras de canto suas discipulas, decorreu com o maior brilhantismo, sendo todas as interpretes muito aplaudidas por uma numerosa e seleta assistência bem como a autora dos *Desenganos*.



4. O tenente sr. Augusto Aroz e o sr. José Aroz, caçadores eximios da India Portuguesa (Sanguem)—5. O illustre escritor sr. Justino de Montalvão, autor da *Missa Prefana*.

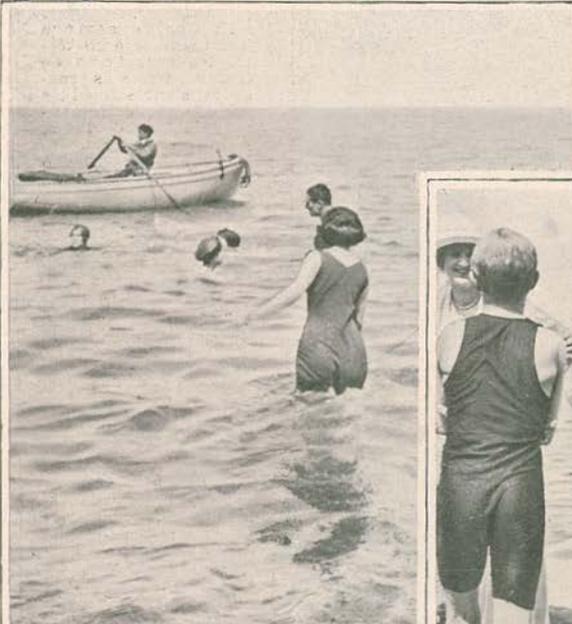
O novo livro de Justino de Montalvão, todo consagrado a Roma, a uma Roma suntuosa, grande evocadora que os seus olhos d'artista divisaram, é uma das obras mais belas que a literatura portuguesa ultimamente nos tem dado. Justino de

Montalvão prepara já um novo livro, com impressões da viagem que fez aos países balcânicos (hoje tanto em voga) em companhia d'um poeta illustre.



Os officiaes e sargentos em serviço no distrito de Inhambane
 (Clôchê do distinto fotografador sr. J. Correia de Moraes)

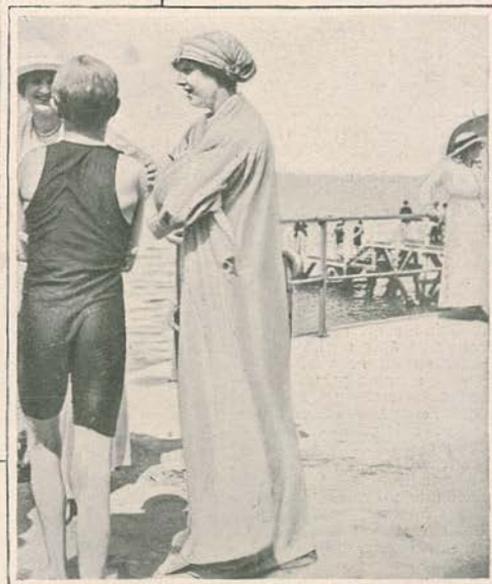
Vida Abundante Cartas de verão



De Madame de la Frissonière
(née de Richemont) a Madame de
Mévil, em Dieppe.

«Deauville, 15 d'Agosto.

Minha querida amiga:
Pensei muito em ti esta manhã.
Lembrei-me de que, ha um ano,



I. Inconfidências do maillot.

estavas tu aqui como sou, certamente divertindo-te mais que n'essa insípida e *môche* Dieppe, para onde o egoismo do sr. teu marido te levou. Dieppe! Tremo ao pensar, minha querida, na sorte que te espera, no ano que vem, se, d'esta vez ainda, esse bom burguez enten-

A' hora do banho.



Dieppe, praia de familia.



No jardim á beira-mar.

der que o mar está longe de mais do seu quarto de cama e que só as *cottes* tomam banho em *maillot*.

Será então o Tréport, Paris-Plage, ou talvez Saint-Adresse-fundação Dufayel!

...Ha um ano! Como o tempo passa! Lembra-te do misantropo, de nariz longo que te fazia a crêre, sempre triste, com uns ares sonhadores de amoroso de ha vinte anos? Vi-o a semana passada, eternamente triste, mais magro ainda, com as gambias esqueléticas baloçando-se dentro d'umas formidaveis calças brancas. Depois desapareceu. As más-línguas contam um incidente no *cercle*, do qual o pobre homem, ao que se diz, não saiu bem; e sabe-se, ou pensa saber-se, no fim de contas, que é um judeu da România que espatifou no bacará uma fortuna e hoje explora a tristeza que Deus lhe deu, para atingir a carteira dos maridos através do coração sensível das esposas. Mas, afinal: se a gente se vae fiar no que se diz...

A *saison* está no seu auge. A rua Gontaut-Biron é como que um conto das mil e uma noites em que a fada b'ca f'esse Madame Paquin. Que am'eres de toilettes, menina! Como vem sendo moda n'estes ultimos verões, o chapéo de feltro ou de veludo é de rigor. Os de palha fizeram fevereiro a junho e agora descansam até ao inverno que vem. E' bom que adea, temos um pouco sobre a província franceza e sobre essa grande provincia da Moda que é o estrangeiro que nos admira. E as zibelinas,



Brincando no sol.



Enchendo o balde

filhinha, que paixão!

No Casino sempre imensa gente e no teatro tambem. Como de costume temos cs grandes artistas cosmopolitas que o Astruc contrata para as *saisons* de Paris. Ha russos; e a *Manon* pela Kousnetsoff, com o *accent de lá-bas* foi um amor. Se o d'Annunzio dá uma peça e o Nijinski vem dançar, poderemos então dizer que estamos n'um meio a mais não poder ser parisiense.

Não ha um só lugar nos hotéis. O Normandy e o Royal de ha muito já estão á cunha. E ha quartos alugados a 160 francos diarios. A manhã é, como sabes, o Grand-Prix, o grande dia. Se não chover deve ser um deslumbramento.

Hontem chegou mr. André de Fouquières. Veio de Dinard e apoiase a uma bengala de castão de oiro, porque parece que se magouou ao descer do «auto». A bengala de apoio será moda este verão...

Hontem, vi-o no Casino vi-o de longe, porque o Brummel estava rodeado por uma triple fila de duquezas, condessas, e embaixatrizes; mas pude admirar o seu *smoking* cinzento ao qual já hoje consagrou uma cronica o *Gil Blas*. Que distincção, que linha! Compreende-se bem que as americanas o tenham coberto de f'eres. O mal da perna impede-o de dançar; e parece que só o te-

remos cá dois dias. Não se sabe ainda se fará uma conferência mundana n'uma obra de caridade patrocinada pela senhora duquesa de Rohan.

Temos tido também as predicas de mr. Bolo. Que encanto! E' um Julio Lemaitre de batina. E o que ele diz dos nossos *firlis*, das nossas saias travadas, dos nossos *maillots* de seda! Como ele nos trata mal, queridinha! E' um verdadeiro homem do mundo. Ouvi-lo-emos juntas em Paris, na proxima quaresma. Diz-se que falará sobre o Tango...

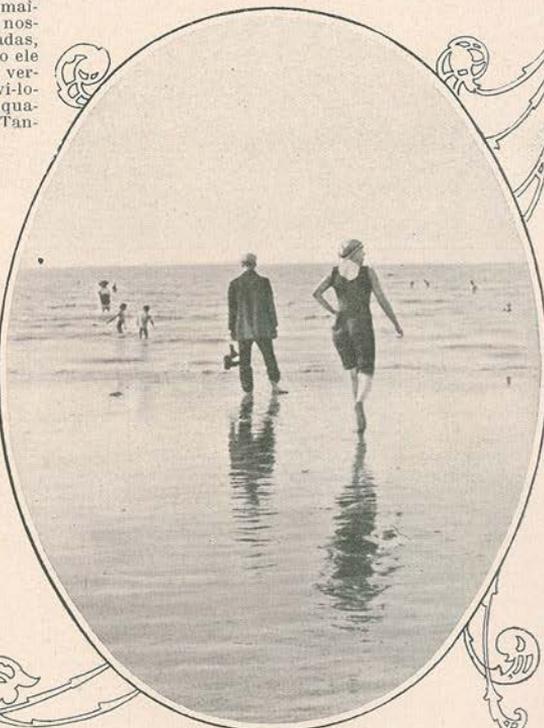
- Oh! o Tango! Apetece-me mandar a Monseigneur, para ele bem o compreender— esse Tango de sedução e de misterio—o meu mestre Melquiades. Melquiades é argentino autentico, chegado ha pouco de Buenos-Ayres. E' um moreno, alto, esguio, d'olhos negros brilhando como carbunculos n'uma face de bronze. Uma funda cicatriz ao canto dos labios endurece-lhe a fisionomia, torna-o mais barbaro, direi mesmo um tudo-nada feroz. Mas que *souplesse*, filha! Dir-se-ia uma cobra que se enroscas em torno de nós e nos arrebatas e nos conduz n'um delirio estonteante sobre o *parquet ciré*.

E' delicioso dansar assim! Melquiades paga-se a 50 francos cada hora de lição. Vae abrir um curso este inverno em Paris. E' claro que lá nos veremos, não é assim?

Escrevo-te do Casino. Atravesou agora mesmo a sala mr. Abel

Hermant. Tambem cá o temos. Vocês, aí em Dieppe, em materia de grandes homens, têm, segundo ha pouco li, mr. Georges Ohnet...

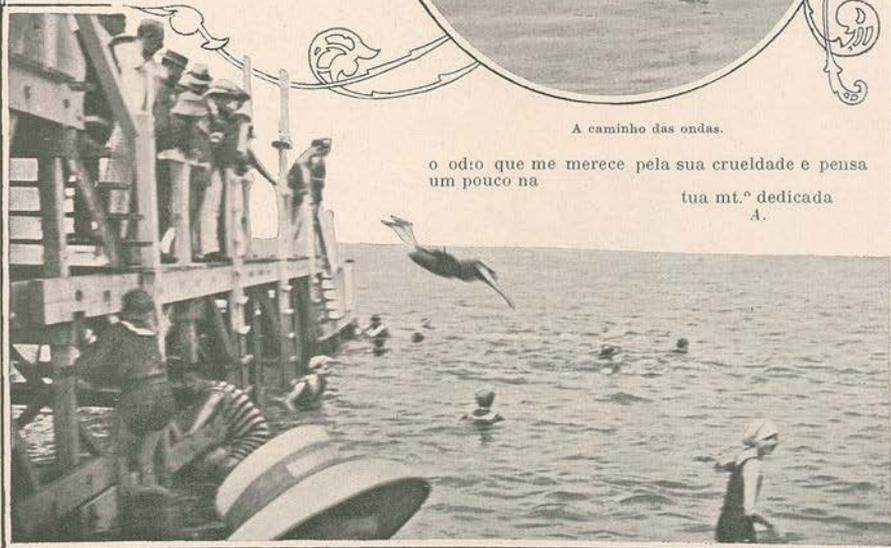
Adeus, queridinha dize a teu marido todo



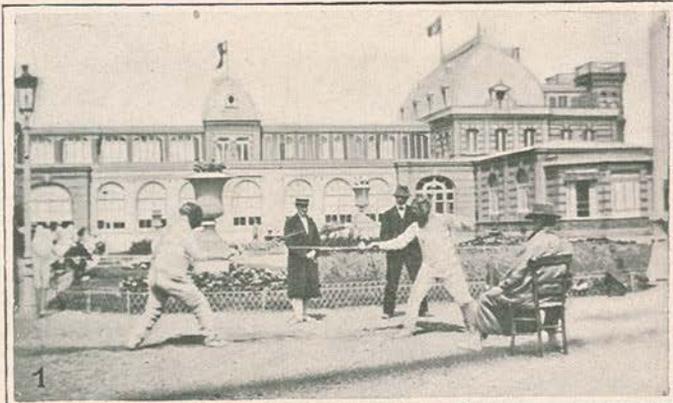
A caminho das ondas.

o odio que me merece pela sua crueldade e pensa um pouco na

tua mt.ª dedicada
A.



Um mergulho.



julguei morrer é, meu caro, em suma, uma terra onde temporariamente o numero de habitantes excede d'uma forma brutal a locação. A gente aluga a peso d'ouro um quarto de decima ordem n'um hotel de decima primeira e paga pelos preços do Paillard um *menú* que desgostaria o mais modesto dos clientes dos *rendez-vous des cochers et des chauffeurs*. Depois, no Casino, ou nas *planches*, longe d'esse mar que barracas de todas as ordens implacável lhe escondem e para

O torneio internacional de Esgrima no Casino.

De Mr. de Mévil a um seu amigo, em Paris.

«Dieppe, 16 de Agcs.o

Meu caro: Como eu te invejo! Tu estás em Paris, tu gozas esse inefável prazer de estar em Paris, exatamente quando Paris é lindo, quando a gente pode contemplá-lo sem encontrões, percorrê-lo sem perigos, quando ha logares nos theatros, taxis livres nas ruas e os turistas inglezes dão por toda a parte uma nota de exotismo amavel que nos dispõe bem. Tu habitas Paris quando não ha *piémistes*, quando o chapéu quadrado de mr. Alexandre Duval está a ares e madame Luiza Balthy tem espirito fora de barreiras e madame Sarah Bernardt e madame Réjane passeiam longe o inextinguível frescor das suas mocidades. Tu podes jantar de rabona em ottimos restaurantes, excelentemente servido por creados que te sorriem e te cercam e te acarinham porque não têm mais que fazer. E tu ignoras o que é isso que chamo: — uma praia da moda. Como és feliz!

Porque uma praia da moda, como essa Trouville-Deauville onde no ano passado,



o qual, de resto, não é de nenhum modo *chic* olhar, o miserero veraneante acotovelá-se de manhã até á noite com uma sociedade característica composta de *snoobs*, homens do mundo, *croquiers*, batoteiros, liteatos em voga, medicos celebris, *cocottes* da alta, escrocos, banqueiros, humoristas e ratos de hotel. E tem de se vestir quatro ou cinco vezes ao dia (as mulheres vestem-se mais de dez) e de aceitar, no Casino na mesma mesa de

jogo, ou na praia com os olhos fitos na mesma perna de mulher, a convivencia de condes russos, marquezes italianos, arquiducos hespanhos que muitas vezes em pleno apogeo de renome e de gloria, recebem a visita do agente da policia internacional que os vem buscar.

Aqui, em Dieppe, está-se um pouco melhor.



2. Um chalet.—3. Trabalhando para a Illustração.—4. O chá do Casino.



Em primeiro lugar a terra é interessante; não é proibido vêr o mar, as ruas são amplas e a convicção nem sempre impede uma certa seleção. De resto, uma vasta clientela inglesa garante por toda a parte essa discrição admirável, essa «propriedade» e essas boas maneiras, desafetadas, simples e nobres, que formam ainda o caracter altamente simpatico do turista culto da Albion. E' claro que os quartos dos hotéis custam ainda 20 e 30 e 50 francos, e ha um Casino com *petits chevaux* e bacará e concertos sinfonicos que aliás não são maus e *coursés* d'aqui a oito dias. E' claro tambem que se dança o Tango (que ainda hontem estive a vêr ensinar a uma filha de boa familia argentina que nunca no seu paiz ousaria entrar nos bairros crapulosos onde esa coisa sujase pratica.) Mas, com tudo isso, se não é propriamente a praiasinha ideal e de cada vez mais rara, tranquila, simples, modesta, sem *cocottes* semi-nuas nem tziganos semi-falsos, não é propriamente a praia da moda com os horrorosos privile-



1. Passeio higienico.
2. Dieppe : a Terrasse do Casino
(Clichés de Paulo Osorio)

gios que esse titulo lhe impõe. Mas, meu Amigo, a lembrança de Paris, do Paris d'Agosto, solitario e doce obceca-me. Quem me dera tomando o fresco da manhã no Bois deserto e contemplando as estrelas nas Tulherias a ouvir ao longe dasafinar a *Carmen* pelos artistas fora da moda que tiveram o bom gosto de ficar ai. Com tudo isso é familiar, aconchegado, belo!

Fecho esta carta, meu caro. Madame entra do *Polo* e adverte-me que tem hoje *bridge* em casa da Generala de Bromont, a boa e fresca amiga de mr. de Richet, o senador. *Puis qu'il le faut!*...

Abraça-te, homem favorecido da graça dos Deuses, o teu velho.

F.º

Por copia conforme e tradução fiel.

PAULO OSORIO.



Burguez perdido entre elegantes.



OS SAPADORES MINEIROS EM TANCOS

dos trabalhos em que se mostram à prova conhecimentos técnicos e preparação especial. Entre esses trabalhos figuram como de capital importância os que dizem respeito ao estabelecimento e inutilização de toda a espécie de vias de comunicação. Assim os sapadores mineiros procederam este ano desde o começo à reparação metódica de algumas estradas e caminhos de polígono, preparações necessárias para uma das suas mais importantes missões em campanha, acompanhar a arti-



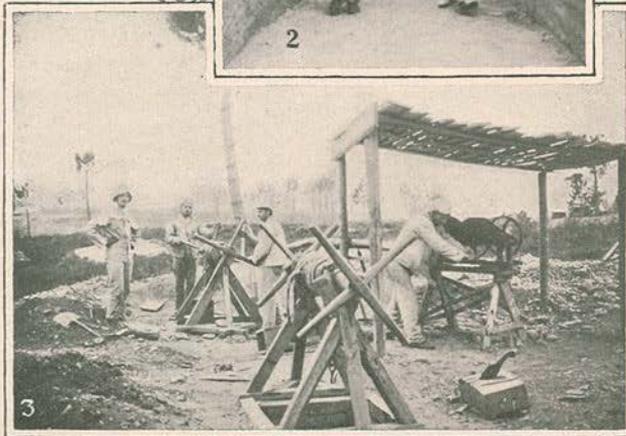
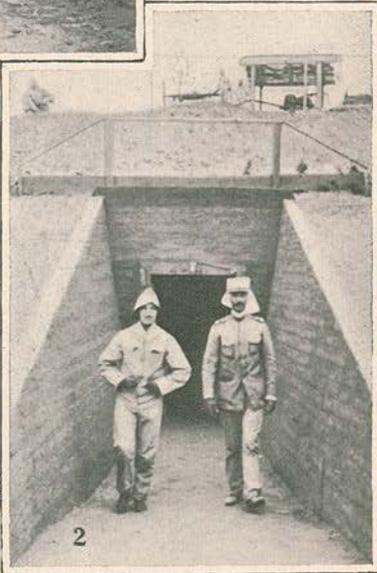
1. Trabalhos de minas: Entrada em galeria no sistema da 1.ª companhia — 2. Entrada em galeria no sistema da 2.ª companhia d'onde vem saindo o capitão sr. Sá Carneiro e alferes sr. Homero Reis.

Foram notáveis os trabalhos realizados este ano no polígono de Tancos pelas tropas de sapadores mineiros, durante o 3.º período da sua instrução de recrutas. Como é sabido destacaram para ali em 3 de abril as 4 companhias de instrução, num total de cerca de 400 praças.

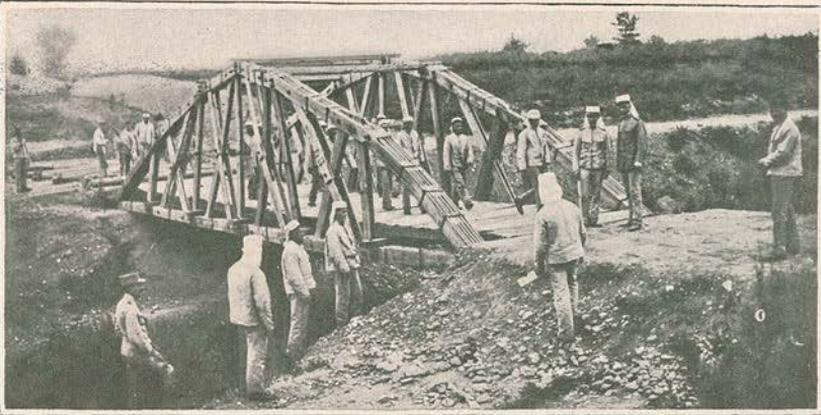
Essa força, contando apenas 8 oficiais (os capitães Ramos e Sá Carneiro, comandantes de duas companhias de instrução, e 6 oficiais subalternos, tenentes Moraes, Anjos e Melo e alferes Homero, Sampalo e Abranches), quasi desprovida de sargentos e cabos, conseguiu, nas 14 semanas de instrução do período, realizar um conjunto de trabalhos que mereceu os mais entusiásticos elogios de sua ex.ª o sr. ministro da guerra, que ao terminar a instrução visitou a Escola de Aplicação de Engenharia.

Todos os oficiais que acompanhavam s. ex.ª, com já antes os oficiais e alunos da Escola de Guerra, trouxeram certamente de Tancos a convicção de que as tropas de engenharia, pela maneira perfeitamente disciplinada, como executavam, sob um sol ardente, trabalhos de cuja rudeza as nossas fotografias mal poderão dar idéia, recebem durante o seu último período de instrução, uma forte educação militar e técnica que as prepara para o papel de sacrifício que lhes cabe na guerra.

Não se julgue que os trabalhos dos sapadores de engenharia se limitam à execução de simples trincheiras de combate, que hoje, é noutro assente, a infantaria deve construir. Sendo apenas a cada divisão, com 12 batalhões de infantaria além das outras tropas, destinada uma companhia de sapadores mineiros, com pouco mais de 200 praças, é obvio que ela será especialmente encarregada de determina-



As bocas dos poços e os ventiladores em movimento



lharia e infantaria em 1.^a linha, abrindo-lhe, á custa dos maiores sacrificios, o acesso ás posições.

Foram tambem variados os exercicios de destruição por meio de explosivos com que os soldados se familiarisaram:

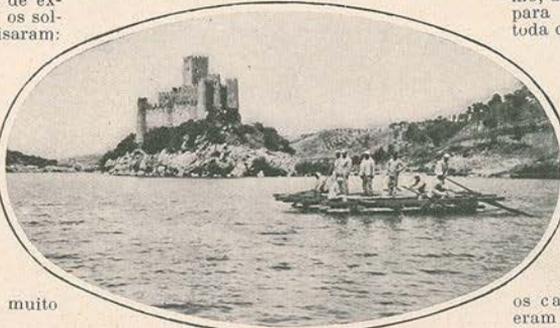
destruições de postes, palissadas, muros, carris, travessas, etc. Entre todos os trabalhos executados destacaram-se as pontes improvisadas, de cujo lançamento e levantamento as tropas de engenharia receberam este ano muito completa.

Depois de treinados os soldados na execução de pontes sobre os cavaletes ordinarios dos diversos tipos, constituiram-se algumas, cuja execução em anos anteriores era ex-

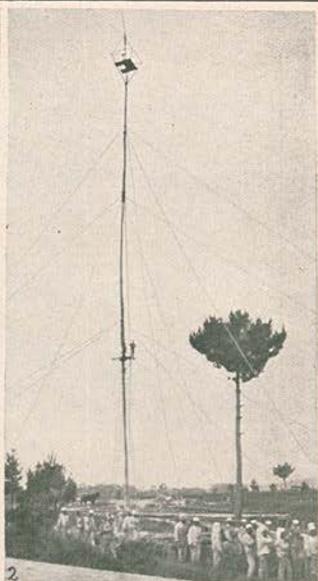
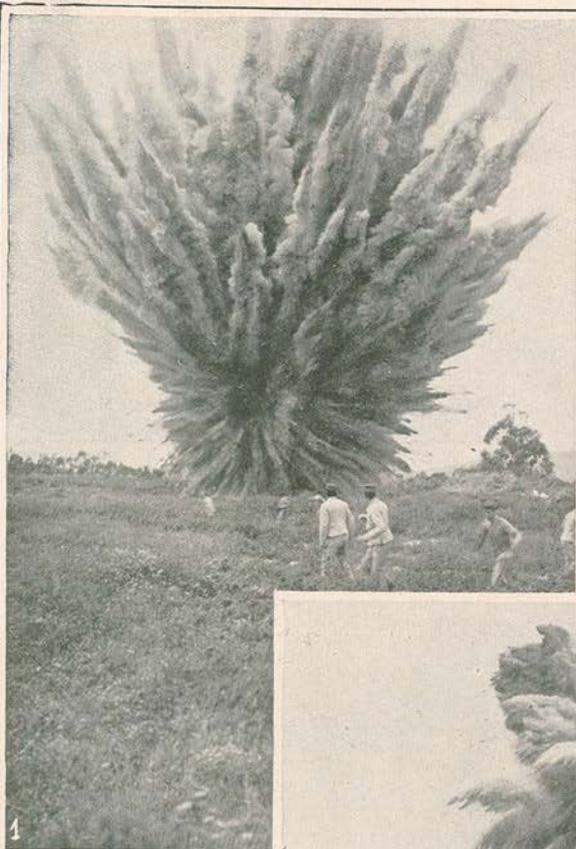
clusiva das tropas de pontoneiros. Merecem menção especial a ponte suspensa sobre cabos de aço de 40^m vão de 45^m, d'um acabamento perfectissimo,

a ponte parabolica, para um vão de 16^m, toda construida com taboas de solho e ferragens facilmente improvisadas com os recursos do parque da companhia divisionaria, bem como duas passareles para infantaria a 1 de fundo, uma suspensa de amarras, com dois vãos de 20^m e outra em que

os cabos principais eram de aço de 10^{mm}, amarrados nas margens, e apoiados a meio do vão no alto de um cavalete improvisado, constituindo duas meias parabolas, dos quaes pendiam os ordenados de fio telegrafico



1. Pontes improvisadas: Ponte de taboas—2. Passagem de cursos d'agua: Uma jangada—2. Passagem de fossos

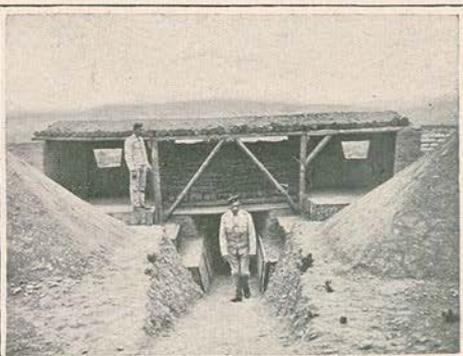


1. Trabalhos de minas: explosão d'um fornilho—2. Observatorio de campanha: Mastro de 41 metros d'altura construido inteiramente no solo e arborado completo pelo derrubamento d'uma cabrea de 16 metros

3



3. A explosão d'outro fornilho—4. Passagem de fossos. Manobra da ponte peixe



a que se ligavam as carlingas. Ainda durante este período de construção uma das companhias executou a manobra de ponte peixe para passagem de forças, enquanto a outra procedia à montagem e lançamento da ponte de ferro Eiffel. O lançamento fez-se da margem de uma ravina para um pilar improvisado, continuando-se depois o viaduto n'uma extensão de 56^m, com cauletes improvisados.

Os trabalhos de fortificação de campanha atingiram um desenvolvimento extraordinário. As duas companhias executaram dois redutos, tendo cada um d'elles 180^m, de extensão de linha de fogo nas faces principaes; n'elles se exemplificaram todos os tipos de revestimentos que se podem executar em campanha e se construíram diversos abrigos blindados, segundo os ultimos regulamentos estrangeiros. Na cobertura de um d'esses abrigos experimentaram os alunos de Escola de Guerra a explosão de uma grana de 15^{mm} carregada de

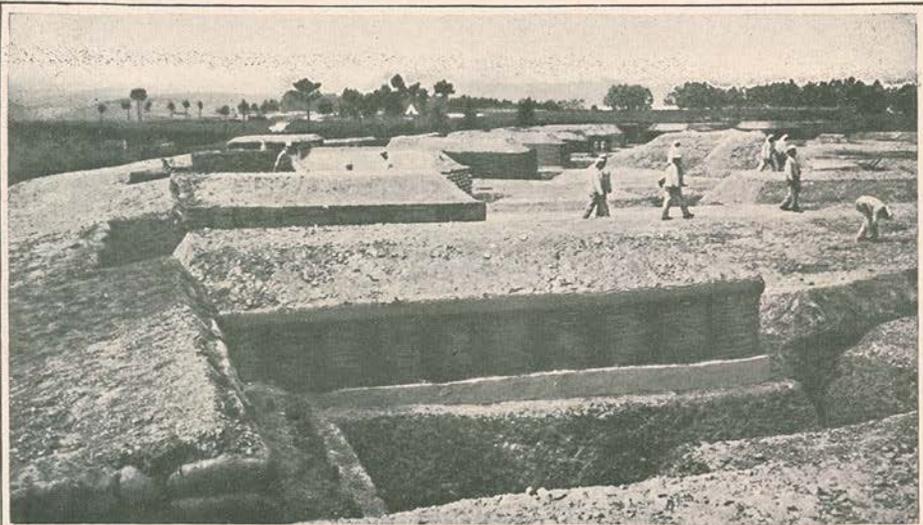
trinitro-celulose, sendo insignificantes os efeitos produzidos. Ainda nos exercicios de fortificação realizados se destacaram os trabalhos de sapo, subordinados a um dispositivo de ataque a um dos redutos construidos.

Representando um movimento, esses trabalhos foram interessantes porque no seu desenvolvimento se exemplificaram todos os processos regulamentares de abertura de sapo, n'alguns dos quaes a execução é extremamente penosa, realisando-se quasi como um trabalho de mina. A construção de toda a especie de defesas accesorias, redes de fio de ferro, covas de lobo, abatizes, fogaçãs, atingiu um grande desenvolvimento, por que todos esses meios auxiliares de defesa foram executados em frente das obras construidas como

se se tratasse de um trabalho real. Os trabalhos de mina feitos separadamente pelas duas companhias realisaram a exemplificação de todos os tipos de poços, galerias e ramoes regulamentares,



1. Trabalhos de fortificação de campanha: Abertura da gola d'um reduto — 2. Plataforma para duas metralhadoras no saliente d'um reduto — 3. Trave e abrigo blindado na frente d'um reduto — 4. Inicio dos trabalhos n'uma testa de sapo progressiva



e foram executados com tal perfeição que se chegou a revestir inteiramente de adobos as testas dos entradas das galerias, trabalho realizado a capricho pelos soldados, que porfiavam entre as duas companhias na perfeição das obras executadas.

Como complemento destes trabalhos teve s. ex.^a o sr. ministro da guerra ocasião de observar o espectáculo interessante de explosão dos quatro fornilhos que se tinham estabelecido nos extremos dos ramaes de combate dos dois sistemas de minas.

N'uma instrução intensiva de 14 semanas mui-

tos outros trabalhos realizaram ainda as companhias de sapadores mineiros, taes como a execução de diversos tipos de espaldões para a artilharia e instalações para metralhadoras, construção de todos os variados trabalhos de acampamentos e de alguns observatorios de campanha. Entre estes notavam-se especialmente dois belos mastros observatorios um com cerca de 40^m e outro com 44^m de altura, cujo levantamento representa um trabalho interessante, em que se reúnem as mais instrutivas manobras de força.



1. Reduto para uma companhia — 2. Trabalhos de sapa: Abertura d'uma paralela—(Clichés de Benoiel)

: *Figuras & Factos* :



A Associação de Socorros Mutuos dos Caixeiros; srs. Bernardo Guimarães, presidente da direcção; dr. Silva Araujo, medico do dispensario e Mendes Quintino, presidente do conselho fiscal.



A nova séde da Associação de Socorros Mutuos dos Caixeiros no palacio de S. Cristovão, (Clichés de Benoiel)

Inaugurou-se a nova séde da Associação de Socorros Mutuos dos Caixeiros que ficou instalada no antigo e vasto palacio de S. Cristovão que a prestante coletividade adquiriu. Os seus progressos marcaram-se com a ação efficacissima do auxilio prestado aos que ali se agremiam na comprehensão de como a união faz a força.



5 Os banhos das creanças da Junção do Bem: O almoço na quinta de Caxias.—6. A' hora do Banho.



3. Srs. Conde de Penha Garcia, 4. Dr. João de Paiva, os delegados portuguezes na Conferencia da Paz.



(Clichés de Benoiel!)

PELAS ALDEIAS

O campo entra agora n'este declinar do estio, n'uma fase de vida alegre e cada uma das suas aldeias, aqui e além dispersas, veste-se de primacias e de encantos, semelhando noivos orgulhosos e sensíveis a deliciarem-se no gozo das suas mais adoráveis e enternecidas horas de amor. Na solidão bucólica dos valados as madresilvas espreguiçam-se dolentemente, perfumando os caminhos, pelo ar macio e sonhador prepassa o madrigal monotono das cigarras, e nos atalhos cortados através das searas reluzem as amoras queimadas pelo Sol, a indicar a proximidade das colheitas, e a anunciar uma epopeia de energias que começará em breve a desenrolar-se na ceifa dos milhos, no corte dos feno, na



labuta das eiras... Pelas aldeias corre a quadra de tempo mais propícia para nos mostrarem toda a sua florida grinalda de atavios, seduzindo-nos com o sorriso casto e afetuoso da sua paisagem que nos oferece aqui o recanto para evocar uma saudade, ali o refugio para suavisar uma tristeza, mais além o ermo solitário para acariciar uma esperança.

E aqui e ali, no anseio de revivermos a miragem enternecida d'um sonho, toda a alma se nos prende, no delirio voluptuoso d'umas nupcias tecidas pelo perfume



1. A caminho da eira — 2. Uma formosura aldeã — 3. Trecho da Vista Alegre

dos beijos e das ilusões. Bemdito seja tu, ó Sol, ó formosíssima luz do Sol que espalhas por todo o ar, esse fluido de sonho e de saudade que torna lndo cada recanto da terra e que veste de rosas de toucar as moradas singelas e tranquilas dos casaes perdidos na amplidão das pla-

tempos idos se disse um ultimo adeus, na deveza sombria onde se trocou um primeiro beijo, junto do lar onde se balbuciou a primeira oração, junto do berço onde se aprendeu a dizer a mais formosa de todas as palavras:—mãe!

Assim a aldeia só pode ser compreendida e adorada pela almas tristes e saudosas.



Ao alvorecer de cada madrugada não ha aldeia que se não entregue á labuta continua do amanho do pão de cada dia.

Se, ás vezes, o ol falta á volupia de a despertar para o trabalho com a louca embriaguez do seu beijo de luz, nenhuma por isso deixa de se erguer á hora habitual para a lide quotidiana.

A aldeia mostra-se sempre ativa, sempre ruborizada por esse influxo de vida que lhe é proprio, quer o dia seja de

nicies, ou comprimidos entre pregas de serranias.

Sim, o Sol, mal o dia amanhece, enleia uma nuvem de luminosa felicidade em todo o contorno das coisas, felicidade comunicativa que se infiltra sobre toda a ondulação verdejante dos prados e das searas, e se mergulha até, na voz serena das aguas dos ribeiros, na voz melancólica dos pinheiraes longinquos, no coração dos amantes, na alma dos tristes...

E eis porque agora os tristes procuram as aldeias e divagam pelo campo!... para aí ouvirem no murmuro da sua propria voz, aquela voz que n'um instinto ancestral de religioso enlevo eles sabem igual á sua, e que lhes anda perdida, ao sabôr do acaso, n'uma volta de estrada onde em



1. Lavouros no campo e na agua—2. Trecho da Vista Alegre

sol formoso a salientar-lhe o contôrno vario de toda a sua fisionomia, quer permaneça envolto n'um ar de sombras que mal definem as graças ocultas da paisagem aldeã.

E, n'esses dias, a aldeia sem o relevo de luz que lhe avive e ilumine a area que a rodeia, sem a claridade amavel que lhe tinja de vivos matizes toda a beleza de linhas do seu horizonte, sem a purpu-

folharmos aqui e ali, as lendas gentis que servem de justificação á sua existencia de outr'ora, lendas que tantas e tantas vezes são residuos de verdades a envaidecê-la nos pergaminhos da Historia.



No pasto.

ra e esmeralda d'um raio que dê o enlevo da côr ás flôres ainda por abrir, a aldeia espalha do seu amoroso regaço uma ténue penumbra de doçura e de paz que logo nos comunica o desejo de lhe evo-

Mas, evocá-la na sua antiguidade, ou contempla-la na lide do dia de hoje, nota-se-lhe sempre a poderosa magia d'uma lei e d'uma força a nobilita-la e a engrandecel-a: o Trabalho.



Casa aldeia: retagio para tristes.

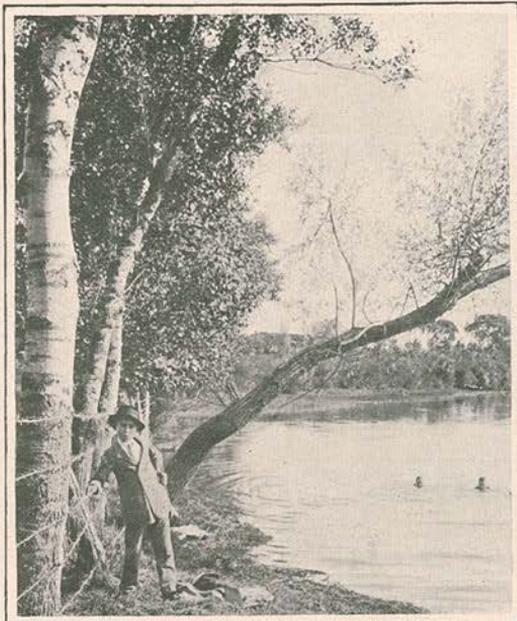
carms o seu passado. Mostra-se-nos, então, apenas como vaga silhueta e respira o perfume d'uma revivescencia antiga, prendendo-nos ao romantismo de lhe des-

A aldeia, no rubor vital que a varidade das occupações campestres lhe imprime, apresenta constantemente um exemplo de

rigorosa atividade que contrasta com a existência monotoná e enervada que desenrola pela cidade.

Esta esgotou, por este tempo, todo o programa da sua missão social de um ano; fechou escolas, licenciou magistrados, encerrou secretarias, deslocou funcionários, suspendeu jornaes, espaçou as sessões políticas, desalojou os teatros, adiou entrevistas e suprimiu, finalmente, o chá das 17.

Assim, a cidade entreolha com desdém o ascendente moral e social que sobre ela a aldeia consegue obter, e a aldeia, ingenua e tímida, sorri-se-lhe no goso d'uma vida satisfeita, morigerada e bela a que cons-



Paisagem para neurasténicos em Ilhavo

tantemente se entrega, sem cansaço, nem neurastenia.

Esse seu sorriso não é de orgulho nem de vaidade; antes n'ele se envolve para atrair a si os tristes, os artistas, os doentes, os ricos da cidade, oferecendo-lhe a higiene do seu repouso salutar e o consolo da sua paisagem sonhadora, para lhes revigorar toda a energia que a cidade lhe rouba, enervando-lhes o organismo, envenenando-lhes traiçoeiramente a existência, pois a cidade, — permitam que o diga, — é um novo e

poderoso sublimado corrosivo!
Ilhavo—Agosto, 1913.

ANTONIO MARIA LOPES.



Filés na aldeia — (Clichés do sr. Antonio Maria Lopes)

O Casamento de D. Manuel de Bragança



A princesa Augusta Vitoria de Hohenzollern, a noiva.

O casamento de D. Manuel de Bragança que se realizou no castelo de Sigmaringen em 7 de setembro, constituiu um acontecimento retumbante na Europa cujas famílias reinantes enviaram os seus representantes a acompanharem na cerimonia o rei deposto com o qual todos eles estão aparentados. A noiva, a princeza Augusta Vitoria de Hohenzollern é a filha mais velha do principe Guilherme de Hohenzollern, nasceu no castelo de Potsdam em 19 d'agosto de 1890 e chama-se Augusta Vitoria Guilhermina Antoinette Mathilde Luiza Josefina Maria Izabel. A avó da princeza é a infanta portugueza D. Antonia que casou com o principe Leopoldo já falecido e que



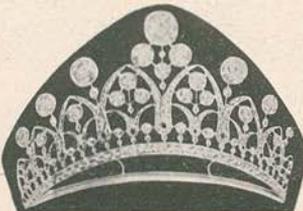
D. Manuel de Bragança, o noivo.



8. A infanta D. Antonia de Portugal irmã do rei D. Luis de Portugal, avó da noiva.—(Nicht Bohone tirado da ultima vez que a infanta esteve em Portugal)—4. O principe Guilherme d'Hohenzollern, filho da infanta D. Antonia, o pae da noiva.

era tambem pae do atual rei da Romania, a cujo trono o principe Guilherme de Hohenzollern renunciou em proveito de seu irmão.

A cerimonia civil e religiosa em Sigmaringen foi uma verdadeira festa real est indo as ruas



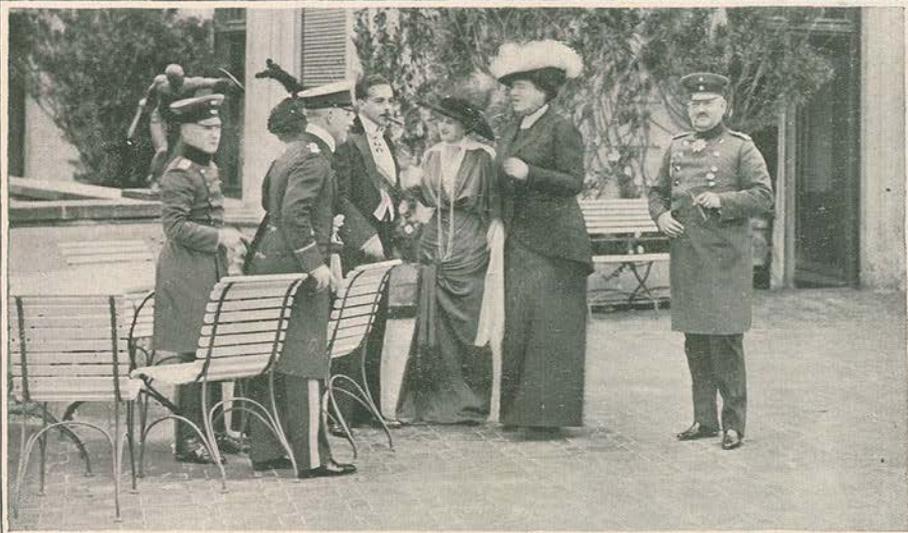
embandeiradas, cheias de escudos dos noivos e de bandeiras alemãs e da deposta monarchia portugueza. Os padrinhos do noivo foram os principes D. Afonso de Bragança e D. Carlos de Hespanha.



1. O príncipe Guilherme de Hohenzollern com a ex-rainha D. Amelia d'Orleans em Sigmaringen.
2. O sr. marquês de Soveral ex-ministro de Portugal em Londres

Foram padrinhos da princeza os príncipes de Galles e Eitel da Prússia.
A cerimonia civil do casamento foi pre-

alocução proferida pelo príncipe abade Bossard de Maria Eisiedelu. Após o consorcio cincoenta meninas da região de Har-



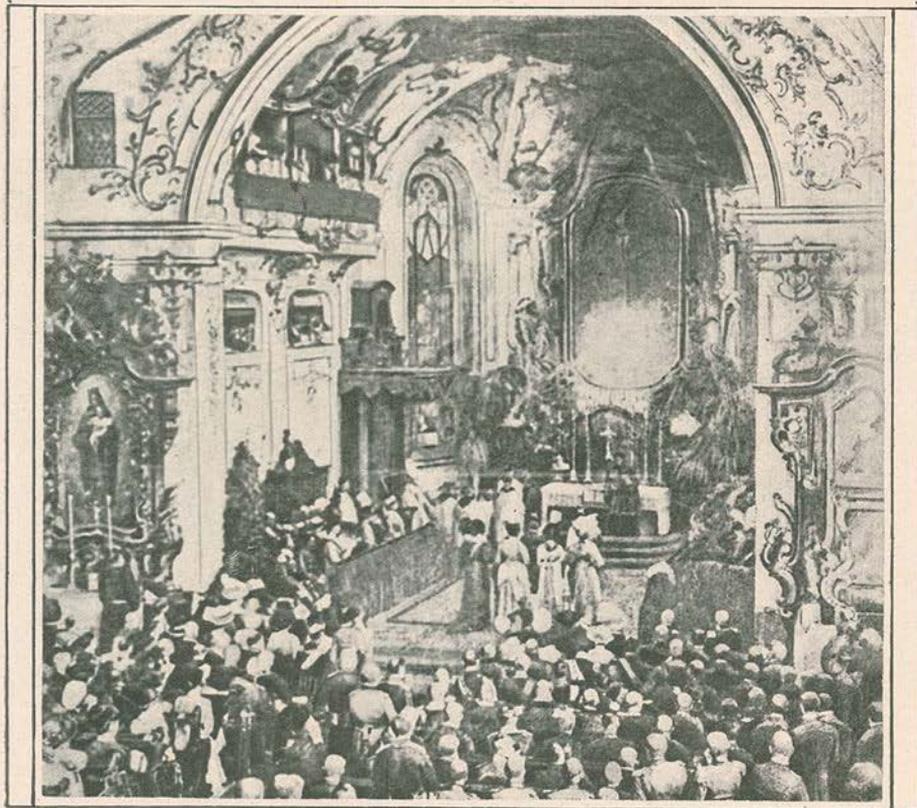
O ex rei D. Manuel de Bragança, sua esposa, sua mãe e seu sogro o príncipe Guilherme d'Hohenzollern depois da cerimonia nupcial no castelo de Sigmaringen.—(Clichê de Niederastroth enviado por mr. Charles Trampus)

sidida pelo conde d'Enlenburgo e a religiosa pelo cardeal Neto, antigo patriarca de Lisboa, sendo a

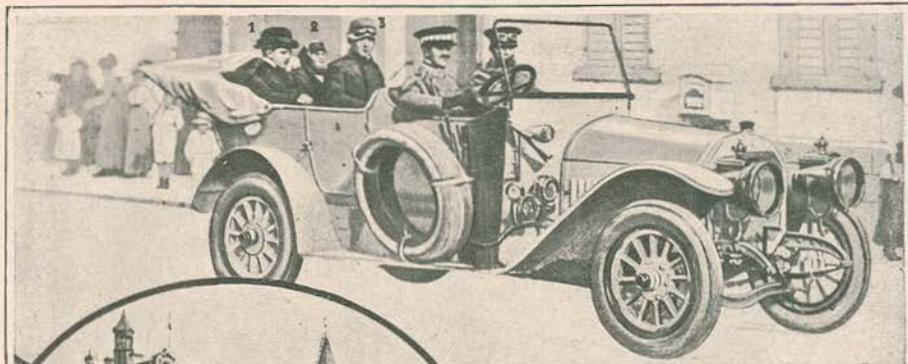
gerloch, com os seus trajos característicos, ofereceram á noiva um grande ramo aclamando os conjun-



Os camponezes de Sigmaringen saudando os noivos.



Depois da cerimonia civil celebrada no castelo de Hohenzollern presidida pelo ministro da casa real da Prussia, conde d'Eulenburg, a cerimonia religiosa fi celebrada pelo cardinal Neto.



1. D. Manuel de Bragança, a sua noiva e o principe da Hohenzollern indo à gare receber os seus convidados.

ges. No banquete de gala o principe de Hohenzollern fez um brinde em que agradeceu aos reis d'Inglaterra, Italia, Hespanha, Saxonia e imperador da Alemanha o terem-se feito representar n'aquela cerimonia em que se unia sua filha ao ex-rei de Portugal.



2. O castelo de Sigmaringen, solar da noiva, onde se realiso o consorcio.
3. Os noivos à saída da igreja com o seu sequito e os seus principescos convidados.



Os presentes de noivado enviados pela família real inglesa a D. Manuel de Bragança: 1. A Taça da Rainha Alexandra d'Inglaterra. — 2. A Taça do rei Jorge V e da rainha Mary. — 3. O brinde dos príncipes reais. — 4. A prendi do rei e da rainha d'Inglaterra. — 5. O presente dos príncipes Arthur e da princesa Margarida de Conaught.

Todos os membros da família real inglesa enviaram presentes ao ex-rei Manuel com os quaes lhe significara n a sua amizade pessoal e marcaram afetuosamente o seu parentesco. São d'uma grande riqueza esses

brindes recebidos em Sigmaringen como os do imperador de Allemanha, reis de Italia, Romania e Hespanha que teem a importancia d'uma verdadeira fortuna, segundo declararam alguns jornaes estrangeiros.

PARÁ INDUSTRIAL

AS GRANDES OFICINAS MECANICAS



Um dos edificios construidos no Umarizal pela firma Salvador Mesquita & C.^a



Fachada da fabrica

V

Em materia de casas construtoras, está o Pará apto a receber os projetos varios que a humana fantasia pode arquitetar.

Não é raro ver na cidade de Belem, capital do Estado, edificios, a cuja construção presidiu raro gosto e feliz acabamento. E tudo quasi feito com materias da terra, fértil em dar as melhores madeiras do mundo.

Ha edificios no Pará que nada ficam devendo ás melhores construçoes europeas. A direçõem de alguns que se impõe, logo, aos olhos dos viajantes e lhes deixam

do um cunho de inegavel elegancia. A firma Salvador Mesquita & C.^a, que teve por fundador a Guilherme Mesquita, em 1884, pertence hoje aos srs. Ricardo F. Mesquita, Carlos Silva e José Fernão Mesquita (comandantario), todos portuguezes, amigos da sua patria como os melhores que o são.

Dispondo de grandes officinas, em que 200 operarios, portuguezes tambem, trabalham nas variadissimas seccões, toda a materia prima é ali fabricada.

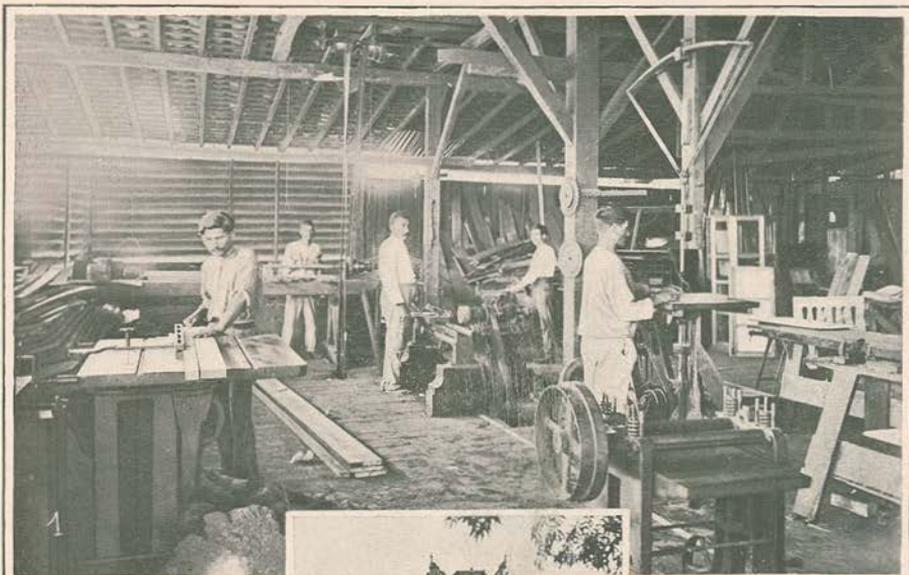
O atual arquiteto da casa, sr. Dionisio de Castro Sá Menezes, formou-se na Es-



Um grupo de operarios da fábrica

agradavel impressão, pertence á casa que maior diversidade tem de modelos, todos eles possuindo

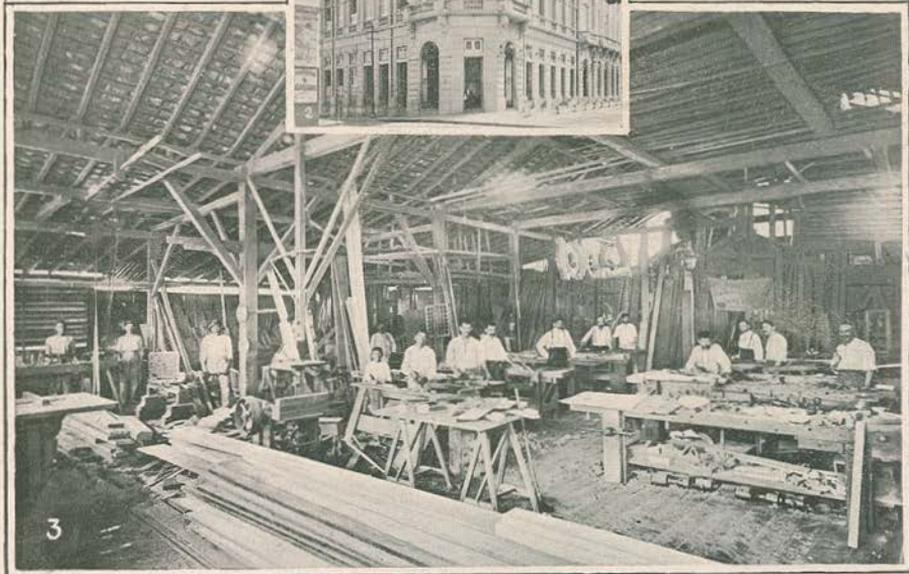
cola do Porto, sendo elogiadissimos os trabalhos que dirige, alguns dos quaes são magestosos.



A construção do importante edifício do *Grande Hotel I*, o melhor do Norte do Brasil, do elegantíssimo *Paris*



Na America, emporio comercial de nome são obras que recomendam uma casa e lhe garantem a existência



1. A Serraria—2. Um dos angulos do *Grand Hotel* que a fabrica construir—3. A carpintaria da casa construtora *Salvador Mesquita & C.^a*



sempre futura. O Banco do Pará foi a primeira grande construção da firma. A vastidão do predio, o bem lançado da arquitetura recomendam o escrupulo que preside na direção d'esta importante firma portugueza, onde os capitaes são portu-

guezes e o criterio industrial dos donos da casa procura dar a todas as construções o solido e elegante tipo portuguez, a fim de perdurar o gosto pelas coisas da nossa terra.

JOSÉ SIMÕES COELHO



1. O cinema Olimpia construido pela firma Salvador Mesquita & C.^{sa}-P. O vestibulo do cinema Olimpia

**ULTIMA INVENÇÃO NORTE-AMERICANA
LUZ A GAZOLINA.**



Wigard

UNICA QUE ACENDE COM UM FOSFORO COMO O GAZ E TENDO UM PODER ILLUMINANTE DE 500 VELAS, APENAS CONSUME UM LITRO DE GAZOLINA EM 24 HORAS, PEDIR INFORMAÇÕES PARA PARAIZO, REIRA & C.º — COIMBRA

220-se representantes em todos os concelhos



= Para que viver?

triste, miseravel, preocupado, sem amor, sem alegrias, sem felicidade quando é tao facil obter FORTUNA, SAUDE, SORTE, AMOR, CORRESPONDIDO, GANHAR AOS JOGOS E LOTERIAS, pedindo a curiosa brochura GRATIS do professor YTAIO, 35, BOULEVARD BONNE NOUVELE—PARIS. 36

SABONETE DO CONGO

= VICTOR VAISSIER

BREVEMENTE

Almanach

do "Seculo"

PARA 1914

Dr. Bengué, 47, Rue Blanche, Paris.



Venda em todas as Pharmacias

O passado, o presente e o futuro

REVELADO PELA MAIS CELEBRE CHIROMANTE

E FISIONOMISTA DA EUROPA

Madame BROUILLARD



Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vaticínios. Pelo estudo que fez das ciencias, quíromancias, críologia e fisiologia e pelas applicações practicas das theorias de Gall, Lavater, Deshaillolles, Lambrose, d'Arpen igney, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admittida pelo numero os clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, alemão, italiano e hespanol. Da consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete.

PARA JORNAES com tramas especiaes para este genero de trabalhos. STEREOTIPIA de toda a especie de composição. Impressão e composição de revistas, illustrações e jornaes diarios da tarde ou da noite.

AGENCIAS NO BRAZIL

— DA —

Nutricia de Lisboa

Esta empresa acaba de ultimar negociações para o estabelecimento de agencias de venda dos seus produtos nas seguintes cidades:

Agencia do Sul—Rio de Janeiro, Santos e S. Paulo. Agente Sr. A. NUNES DE SA, Rua dos Ourives, 105, sobrado. Rio de Janeiro.

Agencia do Norte—Pará e Manaus. Agente Sr. CAMILLO VELHOTE Desde já podem ser feitos pedidos nas respetivas agencias.

Trabalhos de Zincogravura, Fotogravura, Stereotipia, Composição e Impressão

ZINCOGRAVURA E FOTOGRAVURA.—Em zinco simples de 1.ª qualidade, cobreado ou niquelado.

Em COBRE, A CORES, pelo mais recente processo—o de tricromia.

PARA JORNAES com tramas especiaes para este genero de trabalhos. STEREOTIPIA de toda a especie de composição. Impressão e composição de revistas, illustrações e jornaes diarios da tarde ou da noite.

Officinas da ILUSTRAÇÃO "PORTUGUEZA"

RUA DO SEculo 43—LISBOA



Pneu liso: -Que rica ajuda que me dás, Rouge Ferré!

Rouge Ferré: -Eu gemo e tu ris, estás a vêr.

**Pneu
Continental**

Á VENDA EM TODAS AS GARAGES